

A INFLUÊNCIA DO CELULAR NO PROCESSO EDUCACIONAL DE ADOLESCENTES: RISCOS E OPORTUNIDADES**THE INFLUENCE OF MOBILE PHONES ON THE EDUCATIONAL PROCESS OF ADOLESCENTS: RISKS AND OPPORTUNITIES****LA INFLUENCIA DE LOS TELÉFONOS MÓVILES EN EL PROCESO EDUCATIVO DE LOS ADOLESCENTES: RIESGOS Y OPORTUNIDADES**<https://doi.org/10.56238/ERR01v10n5-048>**Leandra Lopes Vieira****RESUMO**

Este artigo tem como objetivo analisar os riscos e as possibilidades pedagógicas associadas ao uso do celular por adolescentes no contexto educacional. A pesquisa foi realizada por meio de uma revisão bibliográfica, de abordagem exploratória e qualitativa, buscando compreender os impactos do uso dos dispositivos móveis no ambiente escolar. Identifica-se que o uso excessivo ou inadequado dos celulares pode gerar efeitos negativos, como distração, redução da concentração, dependência digital, problemas de saúde mental e ampliação das desigualdades educacionais. Esses desafios afetam diretamente o processo de ensino e aprendizagem, exigindo reflexão por parte dos educadores, das instituições e das famílias. Por outro lado, quando utilizado de forma orientada, planejada e com intencionalidade pedagógica, o celular pode se transformar em um importante recurso de apoio, ampliando as possibilidades de ensino. Ferramentas digitais, aplicativos educativos, produção de conteúdos, atividades interativas e metodologias ativas tornam as práticas escolares mais dinâmicas, colaborativas e conectadas à realidade dos estudantes. Conclui-se que o desafio não está na proibição do uso dos celulares na escola, mas na construção de estratégias que promovam o uso consciente, responsável e pedagógico da tecnologia, contribuindo para uma educação mais inovadora e alinhada às demandas do século XXI.

Palavras-chave: Celular. Adolescência. Educação.

ABSTRACT

This article aims to analyze the risks and pedagogical possibilities associated with adolescent mobile phone use in the educational context. The research was conducted through a bibliographic review with an exploratory and qualitative approach, seeking to understand the impacts of mobile devices in the school environment. It identifies that excessive or improper use of cell phones can generate negative effects such as distraction, reduced concentration, digital dependence, mental health issues, and increased educational inequalities. These challenges directly affect teaching and learning processes, requiring reflection from educators, institutions, and families. On the other hand, when used intentionally and pedagogically, mobile phones can become important tools to support learning. Digital tools, educational apps, content production, interactive activities, and active methodologies make school practices more dynamic, collaborative, and connected to students' realities. It concludes that the challenge is not to ban cell phone use in schools, but to build strategies that promote conscious,

responsible, and pedagogical technology use, contributing to a more innovative education aligned with 21st-century demands.

Keywords: Mobile Phone. Adolescence. Education.

RESUMEN

Este artículo analiza los riesgos y las posibilidades pedagógicas asociadas al uso de teléfonos móviles por parte de adolescentes en el contexto educativo. La investigación se realizó mediante una revisión bibliográfica, con un enfoque exploratorio y cualitativo, buscando comprender los impactos del uso de dispositivos móviles en el entorno escolar. Se identifica que el uso excesivo o inapropiado de teléfonos móviles puede generar efectos negativos, como distracción, disminución de la concentración, adicción digital, problemas de salud mental y un aumento de las desigualdades educativas. Estos desafíos afectan directamente el proceso de enseñanza-aprendizaje, lo que exige la reflexión de educadores, instituciones y familias. Por otro lado, cuando se utiliza de manera orientada, planificada e intencional desde el punto de vista pedagógico, el teléfono móvil puede convertirse en un importante recurso de apoyo, ampliando las posibilidades de enseñanza. Las herramientas digitales, las aplicaciones educativas, la producción de contenido, las actividades interactivas y las metodologías activas hacen que las prácticas escolares sean más dinámicas, colaborativas y conectadas con la realidad de los estudiantes. Se concluye que el reto no reside en prohibir el uso de teléfonos móviles en las escuelas, sino en desarrollar estrategias que promuevan un uso consciente, responsable y pedagógico de la tecnología, contribuyendo así a una educación más innovadora y acorde con las exigencias del siglo XXI.

Palabras clave: Teléfono Móvil. Adolescencia. Educación.

1 INTRODUÇÃO

O uso do celular entre adolescentes tem se tornado cada vez mais presente, especialmente no contexto educacional, influenciando tanto as práticas de aprendizagem quanto as relações sociais no ambiente escolar. Segundo Pischetola (2019), os jovens nativos digitais incorporam o uso da tecnologia como parte natural do seu cotidiano, o que gera novas dinâmicas no processo educativo. O celular, por sua portabilidade e funcionalidades variadas, pode ser um recurso poderoso para o desenvolvimento de habilidades cognitivas e o acesso a informações, desde que seu uso seja mediado adequadamente.

Entretanto, apesar do potencial educativo, o uso excessivo ou inadequado do celular pode trazer riscos para o desempenho acadêmico e para o bem-estar dos estudantes. Segundo Moreira et al. (2025), o uso constante do celular pode ocasionar distrações frequentes, reduzindo a atenção e a capacidade de concentração dos adolescentes durante as aulas. Além disso, o uso prolongado pode afetar negativamente o sono e a saúde mental, fatores que impactam diretamente o rendimento escolar.

Por outro lado, estudos indicam que o celular pode ser incorporado como uma ferramenta pedagógica eficaz, promovendo a autonomia e o protagonismo dos estudantes no processo de aprendizagem. Para Da Silva et al. (2023), quando usado de forma planejada e crítica, o celular permite a criação de ambientes educativos mais flexíveis e colaborativos, ampliando as possibilidades de interação e construção do conhecimento. O desafio está em encontrar um equilíbrio entre o uso educativo e o uso recreativo, para potencializar os benefícios sem comprometer a atenção e o foco nos estudos.

Percebe-se ser fundamental que educadores, gestores escolares e famílias compreendam os múltiplos impactos do uso do celular na vida dos adolescentes, estabelecendo estratégias que favoreçam seu uso consciente e produtivo. Conforme Silva (2022), políticas educacionais que integram a tecnologia móvel com práticas pedagógicas inovadoras contribuem para a formação de alunos críticos, criativos e preparados para os desafios da sociedade digital. Dessa forma, o celular deixa de ser apenas um objeto de distração para se tornar um aliado no processo educacional.

A pergunta problema deste artigo é: “De que forma o uso do celular influencia o processo educacional de adolescentes, considerando os riscos e as oportunidades no contexto escolar?”. Sendo o objetivo geral discutir a influência do uso do celular no processo educacional de adolescentes, identificando seus riscos e potencialidades no ambiente escolar através da realização de uma revisão bibliográfica exploratória e qualitativa, e ainda apresentar e discutir a nova legislação que regula o uso de dispositivos móveis nas instituições de ensino, refletindo sobre seus impactos no contexto escolar.

Ainda, são objetivos específicos: (i) compreender os impactos do uso do celular na aprendizagem e no desempenho escolar dos adolescentes; (ii) investigar os principais riscos associados ao uso excessivo ou inadequado do celular no contexto educacional; (iii) identificar possibilidades

pedagógicas e práticas educativas que integrem o celular como recurso de apoio ao ensino e à aprendizagem; (iv) refletir sobre estratégias que promovam o uso consciente e produtivo do celular por adolescentes no ambiente escolar.

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como uma revisão bibliográfica, de natureza exploratória e qualitativa, cujo objetivo é compreender os riscos e as possibilidades pedagógicas associadas ao uso do celular no contexto educacional de adolescentes. Segundo Gil e Vergara (2015), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros, artigos científicos, dissertações, teses e publicações acadêmicas, que proporcionam uma base teórica sólida para a reflexão e análise crítica sobre o tema.

A abordagem exploratória é justificada pela necessidade de proporcionar maior familiaridade com o fenômeno estudado, permitindo uma compreensão mais ampla sobre como o uso dos dispositivos móveis impacta o processo de ensino e aprendizagem na adolescência. De acordo com Lösch et al. (2023), a pesquisa exploratória é indicada em situações em que há pouco conhecimento acumulado ou quando se busca aprofundar a compreensão de um problema social ou educacional contemporâneo, como é o caso da integração das tecnologias no ambiente escolar.

Além disso, o estudo adota uma perspectiva qualitativa, pois busca compreender, por meio da análise teórica, os significados, as percepções e as implicações do uso dos celulares no contexto educacional. Segundo De Freitas Mussi et al. (2019), a pesquisa qualitativa é apropriada quando se pretende interpretar fenômenos sociais, considerando seus aspectos subjetivos, simbólicos e contextuais. Assim, mais do que quantificar dados, a investigação volta-se para a compreensão dos discursos e reflexões presentes na literatura acadêmica sobre o tema.

A seleção dos materiais bibliográficos considerou publicações relevantes das áreas de educação, psicologia, tecnologia educacional e sociologia, abrangendo autores como Bacich, Moran, Kenski, Paiva, Scherer e outros pesquisadores que discutem os impactos da cultura digital na educação. O levantamento foi realizado em bases acadêmicas, como SciELO, Google Acadêmico, ERIC e periódicos específicos da área educacional, priorizando trabalhos publicados nos últimos dez anos, além de alguns referenciais clássicos, com o intuito de garantir a atualidade e a consistência teórica da análise.

3 DESENVOLVIMENTO

O avanço tecnológico, especialmente o crescimento do uso de dispositivos móveis como os celulares, trouxe mudanças significativas na rotina dos adolescentes, inclusive no ambiente escolar.

Embora esses dispositivos sejam ferramentas potentes para o acesso à informação, seu uso excessivo ou inadequado tem gerado preocupações. De acordo com Paiva (2018), vivemos em uma sociedade em rede, onde a conectividade constante redefine as dinâmicas sociais, afetando diretamente os processos de ensino e aprendizagem.

Um dos principais riscos observados no uso indiscriminado do celular na escola é a distração. Silva et al. (2025) apontam que o uso multitarefa do celular, como alternar entre aplicativos, redes sociais e conteúdos escolares, reduz significativamente a capacidade de concentração dos estudantes.

Esse comportamento fragmenta a atenção, comprometendo tanto a retenção quanto a compreensão dos conteúdos, o que impacta diretamente o desempenho acadêmico. Além da questão da atenção, o uso excessivo de celulares tem sido relacionado a problemas de saúde mental, como ansiedade, estresse e dependência digital. Segundo Gomides (202), a exposição constante às redes sociais e às notificações pode gerar comportamentos compulsivos, dificultando o controle do tempo de uso e afetando negativamente o bem-estar emocional dos adolescentes. Isso, consequentemente, repercute no ambiente escolar, gerando desmotivação e queda no rendimento.

A dependência tecnológica e o uso inadequado dos celulares podem intensificar as desigualdades educacionais. Nem todos os estudantes possuem acesso igualitário a dispositivos de qualidade e à internet, o que amplia a chamada "divisão digital". Assim, além dos riscos comportamentais e emocionais, o uso desregulado do celular também pode acentuar disparidades no processo de aprendizagem, especialmente em contextos socioeconômicos mais vulneráveis.

O uso excessivo ou inadequado do celular no ambiente escolar tem se tornado uma preocupação crescente entre educadores, famílias e pesquisadores da educação. Isso porque, embora os dispositivos móveis sejam ferramentas potentes de acesso à informação, seu uso descontrolado pode gerar impactos negativos no processo de ensino e aprendizagem.

Segundo De Jesus Ferreira et al. (2019), o uso constante de celulares em ambientes de estudo provoca interrupções cognitivas, dificultando a concentração e prejudicando o desempenho acadêmico dos estudantes. O hábito de alternar rapidamente entre tarefas, como acessar redes sociais e acompanhar conteúdos escolares, compromete significativamente a retenção de informações.

Outro risco importante está relacionado à saúde mental dos adolescentes. O uso compulsivo de celulares, especialmente para atividades como redes sociais e jogos, está associado ao aumento de quadros de ansiedade, depressão e estresse. A dependência tecnológica, somada à necessidade constante de validação social por meio de curtidas e comentários, gera nos adolescentes uma sensação de insatisfação e baixa autoestima, afetando diretamente sua motivação e participação no contexto escolar (De Jesus Ferreira et al., 2019).

Além disso, o uso excessivo de celulares pode impactar negativamente as habilidades sociais dos adolescentes. De acordo com Lima (2025), quanto mais os jovens se refugiam nos dispositivos móveis, menos desenvolvem a capacidade de dialogar, ouvir e interagir de forma empática no ambiente presencial. Isso prejudica tanto as relações interpessoais no espaço escolar quanto o desenvolvimento de competências socioemocionais fundamentais para a vida em sociedade e para a construção de ambientes educativos saudáveis.

Embora o uso inadequado do celular na escola traga riscos, há também inúmeras possibilidades pedagógicas que podem ser exploradas por meio desse recurso tecnológico. Bacich et al. (2015) já destacava que os estudantes da era digital possuem uma relação natural com a tecnologia, e, por isso, os dispositivos móveis, quando integrados intencionalmente ao processo de ensino, podem estimular o engajamento, a curiosidade e a participação ativa dos alunos. Assim, o celular deixa de ser visto apenas como uma distração e passa a ser uma ferramenta de construção do conhecimento.

Dentre as práticas educativas possíveis, destaca-se o uso de aplicativos educacionais, ferramentas de gamificação e plataformas de aprendizagem colaborativa. Segundo Perini (2018), quando os professores utilizam recursos digitais de forma planejada, os celulares se transformam em aliados na personalização do ensino, permitindo que cada aluno avance em seu próprio ritmo, de acordo com suas necessidades e interesses. Isso favorece a autonomia, além de possibilitar experiências mais significativas e contextualizadas.

Outra possibilidade relevante é a utilização do celular para a produção de conteúdos digitais. De acordo com De Araujo Santos e Sousa (2019), os estudantes podem ser protagonistas da aprendizagem ao produzir vídeos, podcasts, fotografias e mapas mentais, utilizando os próprios dispositivos móveis. Essas práticas desenvolvem habilidades cognitivas, criativas e comunicativas, além de fortalecerem a aprendizagem ativa e o pensamento crítico.

O celular também pode ser uma ponte entre a sala de aula e o mundo, facilitando atividades de pesquisa, acesso a bibliotecas virtuais, consultas a dicionários online e exploração de museus digitais. Segundo Silva et al. (2018), o uso pedagógico das tecnologias móveis permite expandir os limites físicos da escola, tornando o processo educativo mais dinâmico, conectado e alinhado com as demandas da sociedade contemporânea.

Além disso, práticas como o uso de QR Codes, aplicativos de realidade aumentada e plataformas de quizzes interativos são estratégias que tornam as aulas mais atrativas e dinâmicas. Essas ferramentas, quando bem aplicadas, não apenas aumentam o interesse dos alunos, mas também promovem o desenvolvimento de competências digitais, essenciais para o século XXI (Silva et al., 2018).

Portanto, é importante destacar que a integração do celular no contexto escolar requer planejamento, intencionalidade pedagógica e mediação docente.

Scherer e Brito (2020) ressalta que o papel do professor é fundamental nesse processo, pois cabe a ele transformar o potencial tecnológico em oportunidades de aprendizagem, estabelecendo critérios, regras e objetivos claros para o uso do dispositivo. Assim, o celular deixa de ser um vilão e se torna um aliado na construção de uma educação mais inovadora, participativa e alinhada às realidades digitais.

No contexto atual, em que as tecnologias digitais permeiam praticamente todas as esferas da vida, torna-se inevitável que a escola se adapte a essa nova realidade. Segundo Bacich e Moran (2018), as práticas pedagógicas precisam ser repensadas para incorporar metodologias que dialoguem com o universo digital dos alunos, sem abrir mão dos objetivos formativos. Isso significa transformar o celular em um recurso didático intencional, capaz de mediar aprendizagens mais significativas, interativas e colaborativas.

Uma das grandes vantagens do uso pedagógico do celular está na promoção da aprendizagem ativa. Quando bem orientados, os estudantes deixam de ser meros receptores de informações para se tornarem produtores de conhecimento. De acordo com Kenski (2012), o uso de tecnologias móveis permite que os alunos desenvolvam projetos, criem narrativas digitais, realizem pesquisas de campo e participem de atividades interdisciplinares, ampliando suas competências cognitivas e socioemocionais.

Outro ponto importante destacado por Moran (2015) é que o celular possibilita a personalização da aprendizagem. Através de aplicativos, vídeos educativos, podcasts e jogos interativos, os professores conseguem atender às diferentes necessidades, estilos de aprendizagem e ritmos dos alunos. Isso contribui não apenas para a inclusão, mas também para a motivação e o engajamento, elementos fundamentais para o sucesso escolar.

Porém, é necessário considerar que essa integração exige também uma mudança na postura docente. Segundo Scherer e Brito (2020), o professor precisa assumir um papel de mediador, orientando o uso consciente e produtivo do celular. É fundamental estabelecer regras claras, horários e finalidades específicas para o uso do dispositivo nas atividades escolares, evitando que ele se torne mais uma fonte de dispersão ou conflito no ambiente de aprendizagem.

Além das atividades em sala, o uso pedagógico do celular amplia as possibilidades de aprendizagem fora dos muros da escola. Conforme destaca Silva et al. (2018), os estudantes podem utilizar os dispositivos para realizar excursões virtuais, visitar museus online, participar de fóruns de discussão e acessar plataformas educacionais abertas. Isso rompe com a lógica tradicional da aula expositiva e coloca o aluno em contato direto com saberes e experiências globais.

Por outro lado, a formação docente aparece como um desafio central nesse processo. Segundo Kenski (2012), muitos professores ainda se sentem inseguros em utilizar as tecnologias digitais, seja por falta de domínio técnico, seja por desconhecimento das metodologias que potencializam seu uso. Dessa forma, investir na capacitação continuada dos docentes torna-se indispensável para que a inserção do celular na educação não seja superficial, mas efetivamente transformadora.

É fundamental também desenvolver, juntamente com os alunos, uma educação digital crítica, que os ajude a compreender os riscos do mundo conectado, como a desinformação, o cyberbullying, a exposição excessiva e a dependência tecnológica. Segundo Paiva (2018), a escola precisa ser um espaço de letramento digital, onde se ensina não apenas a usar as ferramentas, mas também a refletir eticamente sobre seus usos, impactos e limites.

Diante de tudo isso, conclui-se que o celular no ambiente escolar não é, em si, um problema nem uma solução automática. Seu impacto depende da forma como é integrado ao projeto pedagógico da escola. Quando há planejamento, mediação e intencionalidade, ele se transforma em uma poderosa ferramenta de ensino, capaz de tornar as aulas mais dinâmicas, inclusivas e alinhadas às exigências da sociedade contemporânea. Entretanto, quando usado sem critérios, pode acentuar desafios já existentes, como a dispersão, a superficialidade dos saberes e as desigualdades digitais.

Em janeiro de 2025, foi sancionada a Lei 15.100/2025, que estabelece diretrizes sobre o uso de celulares e outros dispositivos móveis nas instituições de ensino de todo o Brasil. A legislação proíbe, de forma geral, que estudantes da educação infantil, ensino fundamental e médio façam uso desses aparelhos durante o horário escolar, abrangendo tanto as atividades em sala de aula quanto os períodos de intervalo e recreio. Essa medida surge como resposta às preocupações crescentes sobre os impactos negativos que o uso indiscriminado de celulares pode causar no processo de ensino-aprendizagem, como distrações constantes, diminuição do rendimento escolar e comprometimento das interações sociais entre os estudantes (Brasil, 2005).

Contudo, a legislação não é completamente restritiva, pois contempla exceções que permitem o uso dos dispositivos em situações específicas. É autorizado, por exemplo, que os aparelhos sejam utilizados em casos de emergência, bem como em atividades pedagógicas, desde que sob a orientação do professor e devidamente planejadas no contexto educativo. Além disso, a lei assegura o uso dos celulares quando se fizer necessário para garantir a acessibilidade de alunos com deficiência, transtornos ou condições específicas de saúde, reforçando o compromisso com a inclusão no ambiente escolar.

Outro ponto importante destacado na legislação está relacionado à preocupação com a saúde mental dos estudantes. Pesquisas recentes apontam que o uso excessivo de dispositivos móveis está associado ao aumento de quadros de ansiedade, depressão, déficit de atenção e isolamento social entre

crianças e adolescentes. Nesse sentido, a nova lei determina que as escolas desenvolvam estratégias de prevenção e cuidado, incluindo ações educativas voltadas para o uso consciente da tecnologia, bem como a formação de profissionais capacitados para identificar e acolher sinais de sofrimento psíquico relacionados ao uso abusivo desses aparelhos.

A lei também respeita a autonomia das redes de ensino e das próprias instituições escolares na definição dos meios e estratégias para sua implementação. Assim, cabe às escolas, juntamente com os órgãos gestores municipais, estaduais e federais, estabelecerem os procedimentos adequados, como, por exemplo, locais para guarda dos aparelhos durante o expediente escolar e orientações sobre situações excepcionais. Essa flexibilidade busca atender às diferentes realidades regionais e socioculturais do país, reconhecendo que uma aplicação rígida e homogênea poderia não ser eficaz em todos os contextos.

Além da atuação da escola, a legislação reforça a importância da participação das famílias no processo de conscientização e no fortalecimento de práticas saudáveis no uso da tecnologia. O envolvimento dos pais e responsáveis é fundamental para que a norma não se restrinja ao espaço físico escolar, mas promova uma mudança cultural mais ampla, incentivando que crianças e adolescentes desenvolvam uma relação mais equilibrada, crítica e responsável com os meios digitais. Portanto, a cooperação entre escola, família e comunidade torna-se um elemento central para o sucesso dessa política.

Por fim, é possível compreender que a Lei 15.100/2025 não busca demonizar a tecnologia, mas sim regular seu uso para que ela não se torne um obstáculo no processo educativo. A proposta é promover um ambiente escolar mais focado, colaborativo e saudável, sem abrir mão dos benefícios que a tecnologia pode oferecer quando utilizada de maneira planejada e consciente. No entanto, a efetividade da lei dependerá de um trabalho contínuo de acompanhamento, avaliação e aperfeiçoamento das práticas, além de uma reflexão constante sobre como conciliar os desafios do mundo digital com os objetivos educacionais e sociais da escola contemporânea.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das análises realizadas, fica evidente que o uso do celular no contexto educacional de adolescentes apresenta uma dualidade: por um lado, oferece riscos significativos quando utilizado de forma excessiva, descontrolada ou sem mediação pedagógica; por outro, revela-se uma poderosa ferramenta de apoio à aprendizagem quando integrado de maneira intencional, crítica e planejada. A sociedade contemporânea, marcada pela hiperconectividade, exige da escola uma reconfiguração de suas práticas, adequando-se às dinâmicas digitais que permeiam a vida dos estudantes.

Os principais riscos identificados incluem a distração, a dependência tecnológica, o comprometimento da saúde mental e a intensificação das desigualdades digitais. Esses desafios não podem ser ignorados, pois impactam diretamente o desenvolvimento cognitivo, socioemocional e o rendimento acadêmico dos adolescentes. Assim, torna-se imprescindível que a escola, junto às famílias e à comunidade, promova uma educação digital que forme sujeitos críticos, conscientes e capazes de fazer um uso saudável e responsável das tecnologias.

Por outro lado, as possibilidades pedagógicas associadas ao uso do celular são inúmeras. Quando utilizado de forma planejada, o dispositivo potencializa metodologias ativas, promove a aprendizagem colaborativa, estimula a produção de conteúdos e amplia o acesso à informação. Dessa forma, o celular deixa de ser um mero instrumento de distração e passa a ocupar um lugar relevante no processo de construção do conhecimento, tornando as aulas mais atrativas, interativas e contextualizadas com as demandas da sociedade atual.

Para que esse potencial se concretize, é fundamental investir na formação continuada dos professores, oferecendo-lhes subsídios teóricos e práticos sobre o uso pedagógico das tecnologias digitais. Além disso, é necessário que as escolas desenvolvam políticas internas claras sobre o uso dos dispositivos móveis, estabelecendo regras, combinados e estratégias de mediação que favoreçam uma utilização equilibrada e produtiva dos celulares no ambiente escolar.

Conclui-se que o desafio não está em proibir ou permitir indiscriminadamente o uso do celular na escola, mas em construir caminhos que conciliem inovação, responsabilidade e criticidade. A educação do século XXI demanda uma integração consciente das tecnologias, capaz de preparar os adolescentes não apenas para lidar com os desafios acadêmicos, mas também para atuar de forma ética, reflexiva e autônoma na sociedade digital em que estão inseridos.

REFERÊNCIAS

BACICH, Lilian; NETO, Adolfo Tanzi; DE MELLO TREVISANI, Fernando. Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação. Penso editora, 2015.

BRASIL. Lei nº 15.100, de 12 de janeiro de 2025. Proíbe o uso de aparelhos celulares e dispositivos eletrônicos nas instituições de ensino da educação infantil, fundamental e média, salvo em situações pedagógicas, de acessibilidade ou emergenciais. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 13 jan. 2025.

DA SILVA, José Marcos et al. TIC'S como tendência metodológica para o ensino de matemática: um relato de extensão universitária. EDUCERE-Revista da Educação da UNIPAR, v. 23, n. 2, p. 582-597, 2023.

DE ARAUJO SANTOS, Roseli Rodrigues; DE SOUSA, Pérciles Pereira. Linguagem digital e produção de conteúdo: Criando espaços para a escrita autoral no ensino médio. Revista Poiesis, v. 18, n. 1, p. 32-50, 2019.

DE FREITAS MUSSI, Ricardo Franklin et al. Pesquisa Quantitativa e/ou Qualitativa: distanciamentos, aproximações e possibilidades. Revista Sustinere, v. 7, n. 2, 2019.

DE JESUS FERREIRA, Edmilson; DOS SANTOS ROCHA, Adair José; HAAS, Cláudia Madrona Moreira. QUE CONSEQUÊNCIAS TEM O USO EXCESSIVO DE CELULAR PARA A FORMAÇÃO JURÍDICA?. Dom Helder Revista de Direito, v. 2, n. 4, p. 113-139, 2019.

GIL, Antonio Carlos; VERGARA, Sylvia Constant. Tipo de pesquisa. Universidade Federal de Pelotas. Rio Grande do Sul, v. 31, 2015.

GOMIDES, Bárbara Vasconcelos de Freitas. O Impacto das Redes Sociais na Saúde Mental. 2022.

LIMA, Letícia Machado. USO DE TELAS E OS PERIGOS A SAÚDE MENTAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES. Conhecendo Online, v. 9, n. 1, p. 13-13, 2025.

LÖSCH, Silmara; RAMBO, Carlos Alberto; FERREIRA, Jacques Lima. A pesquisa exploratória na abordagem qualitativa em educação. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, p. e023141-e023141, 2023.

MOREIRA, José César Pontes et al. O uso de telefones celulares: desafios e possibilidades educacionais. Cuadernos de Educación y Desarrollo, v. 17, n. 5, p. e8328-e8328, 2025.

PAIVA, Ana Maria Videira. Participação e Partilha De Conhecimentos Na Sociedade Em Rede: Os Contextos Educacionais Online. 2018. Tese de Doutorado. Universidade Aberta (Portugal).

PERINI, Érica Rezende. OS DISPOSITIVOS MÓVEIS E A CONTEMPORANEIDADE NA EDUCAÇÃO: O USO DOS CELULARES NAS ESCOLAS DA REDE ESTADUAL DE ENSINO DO ESPÍRITO SANTO. 2018.

PISCHETOLA, Magda. Inclusão digital e educação: a nova cultura da sala de aula. Editora Vozes Limitada, 2019.

SCHERER, Suely; BRITO, Gláucia da Silva. Integração de tecnologias digitais ao currículo: diálogos sobre desafios e dificuldades. *Educar em Revista*, v. 36, p. e76252, 2020.

SILVA, Bonivaldo Pedro; DA SILVA, Aurea Lúcia Milhomem Maranhão; XAVIER, Lucinéia Elias. O USO DO CELULAR NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM. *REVISTA FOCO*, v. 18, n. 4, p. e8292-e8292, 2025.

SILVA, Jenekésia Lins da et al. Tecnologias móveis nos processos de ensino e de aprendizagem em física: reflexões e possibilidades de um ambiente educacional interativo. 2018.

SILVA, Ketiuze Ferreira. Formação continuada de professores com metodologias ativas e tecnologias digitais: em busca de práticas pedagógicas inovadoras durante e pós-pandemia. 2022.